

Edição v. 43
número 1 / 2024

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 43 (1)
jan/2024-abr/2024

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Injustiça epistêmica e reafirmação de estereótipos: a representação do cientista no Fantástico e Domingo Espetacular durante a pandemia da Covid-19

Epistemic injustice and reaffirmation of stereotypes: the representation of scientists on Fantástico and Domingo Espetacular during the Covid-19 pandemic

DANIEL DAMASCENO

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: danjunior.work@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5230-8918

AMANDA MEDEIROS

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: amanda.cnth@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4491-4245

MICHELLE CARNEIRO

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: mi.pereiracarneiro@gmail.com. ORCID: 0009-0006-4418-8350

LUISA MASSARANI

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: luisa.massarani@fiocruz.br. ORCID: 0000-0002-5710-7242

THAIANE OLIVEIRA

Universidade Federal Fluminense (UFF) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: thaianeoliveira@id.uff.br. ORCID: 0000-0002-8588-3548

MARINA RAMALHO

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: marina.fiocruz@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2162-6673

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAMASCENO, Daniel; MEDEIROS, Amanda; CARNEIRO, Michelle; MASSARANI, Luisa; OLIVEIRA, Thaianne; RAMALHO, Marina. Injustiça epistêmica e reafirmação de estereótipos: a representação do cientista no Fantástico e Domingo Espetacular durante a pandemia da Covid-19. **Contracampo**, Niterói, v. 43, n. 1, P. 01-17, jan./abr. 2024.

Submissão em: 19/12/2023. Revisor A: 24/01/2024; Revisor B: 30/03/2024; Aceite em: 01/04/2024.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v43i1.61118>



Resumo

Sob o pano de fundo da pandemia da Covid-19, objetivamos com este estudo analisar como os cientistas são representados em dois programas de revista eletrônica, considerando a diversidade de gênero e raça e refletindo sobre injustiças epistêmicas. Em particular, analisamos as matérias sobre vacinação exibidas no Fantástico (TV Globo) e Domingo Espetacular (Record TV) de março de 2020 a agosto de 2021. Ao todo, identificamos e submetemos à análise de conteúdo 48 matérias em que cientistas foram entrevistados. Nessas matérias, os cientistas mais acionados como porta-vozes da ciência são homens e brancos, sem qualquer registro de cientistas pretos. Os resultados apontam, portanto, para a reafirmação de estereótipos no campo científico, historicamente associado à imagem da branquitude como fonte de saber.

Palavras-chaves

Pandemia da Covid-19; Representação midiática; Cientistas; Fantástico; Domingo Espetacular.

Abstract

Against the backdrop of the Covid-19 pandemic, this study aims to analyze how scientists are portrayed in two electronic magazine programs, considering gender and race diversity and reflecting on epistemic injustices. Specifically, we examined the coverage of vaccination in segments aired on Fantástico (TV Globo) and Domingo Espetacular (Record TV) from March 2020 to August 2021. In total, we identified and subjected to content analysis 48 segments featuring interviews with scientists. Within these segments, the scientists most frequently featured as spokespersons for science are men and white, with no representation of Black scientists whatsoever. The results thus point to the reaffirmation of stereotypes within the scientific field, historically associated with the image of whiteness as the source of knowledge.

Keywords

Covid-19 pandemic; Media representation; Scientists; Fantástico; Domingo Espetacular.

Introdução

O jornalismo desempenha um papel crucial na disseminação de informações científicas à sociedade (NGUYEN e TRAN, 2019; CORREIA et al., 2021). Críticas, porém, têm sido feitas ao jornalismo, sobretudo o televisivo, em relação à falta de identidades diversas retratadas e ao impacto dessas representações no imaginário da sociedade, reforçando, por exemplo, estereótipos de branquitude na ciência (AMEND e SECKO, 2012). Essas críticas ganham reforço quando atentamos para o fato de que a televisão alcança 95,5% dos lares brasileiros, conforme indicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e, mesmo diante do crescimento da internet, permanece como um dos principais meios de comunicação para o consumo de notícias no país, de acordo com o Digital News Report 2022 (NEWMAN et al., 2022)¹.

Por outro lado, estudos sugerem que a representatividade visual em produtos midiáticos tem sido determinante, também, para gerar identificação com o campo científico (REZNIK et al., 2017; REZNIK et al., 2019). Sendo assim, para além do reforço de estereótipos, o jornalismo televisivo, na medida em que explora a imagem diversa do cientista, possibilita uma dinâmica de aproximação do público com a ciência de um modo geral, especialmente no que diz respeito a grupos minoritários como mulheres e pessoas pretas (ASH et al., 2021). Isso é particularmente relevante em um contexto no qual o acesso ao ensino superior e aos programas de pós-graduação no Brasil ainda refletem muitas injustiças sociais, em especial, injustiças raciais (FERREIRA et al., 2022).

Dado esse contexto, torna-se fundamental refletir acerca da forma como a ciência pode ser enquadrada à luz dos debates sobre injustiça epistêmica (FRICKER, 2007). Por injustiça epistêmica, entendemos a “exclusão da participação em práticas de produção e/ou transmissão de conhecimento motivada por preconceito de identidade, individual ou estrutural, que causa danos a um sujeito na sua capacidade de conhecedor” (FRICKER, 2007, p.5). Assim, o conceito pode ser sintetizado como uma exclusão de vozes enquanto fontes de conhecimento, motivada conscientemente ou não por preconceitos de identidade, sejam raciais, étnicos, de gênero, de orientação sexual, entre outros.

Com este pano de fundo, temos como objetivo compreender como se dá a representação de cientistas de diferentes gêneros e raças nas matérias sobre vacinação no *Fantástico* (TV Globo) e *Domingo Espetacular* (Record TV), programas semanais do tipo revista eletrônica televisiva, veiculados em horário nobre e que possuem maior audiência na TV aberta brasileira aos domingos. A observação contempla o intervalo de tempo que vai de março de 2020 a agosto de 2021, período que compreende os primeiros 18 meses da pandemia da Covid-19. Para alcançar nosso objetivo, seguimos norteados pela seguinte questão de pesquisa: como a representação do(a) cientista no jornalismo televisivo contribui para a perpetuação de estereótipos, marginalização e ausência de representatividade quanto a gênero e raça no Brasil?

Para apresentar este estudo, desenvolvemos uma discussão teórica que visa revisitar pesquisas sobre “Os estereótipos e a imagem do cientista na mídia” e acionar questões centrais relacionadas à noção de “Injustiça epistêmica no campo científico”. Em seguida, apresentamos a “Metodologia” aplicada à pesquisa para então trazermos os “Resultados” obtidos - o que fizemos também em duas partes: “Identificando os cientistas” e “O espaço cedido aos cientistas”. Feita essa exposição de dados, trazemos então discussões centradas nos dois principais eixos do trabalho: raça (“Raça e credibilidade: a imagem da branquitude como fonte de saber”) e gênero (“Gênero e o espaço do cientista na mídia como porta-voz da ciência”).

Os estereótipos e a imagem do cientista na mídia

Os estereótipos são representações reduzidas a características simplificadas, distinguíveis,

1 Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

facilmente reconhecíveis e compreensíveis, sendo uma caricatura de algo (HALL, 2016). Logo, “os estereótipos reduzem, essencializam, naturalizam e fixam a diferença” (HALL, 2016, p. 191). Moscovici afirma que quando “as diferenças entre representações sociais são obscurecidas, os limites entre o aspecto icônico e seu aspecto conceptual são eliminados” (MOSCOVICI, 2007, p. 218). Nessa perspectiva, cada indivíduo tem um conceito - uma imagem mental própria - diferente da imagem mental que outros indivíduos possuem. As diferenças entre as imagens mentais de cada sujeito cultural são o que individualizam as representações, tornando-as características para cada indivíduo. Torna-se difícil discernir o que é apenas representação dessa imagem mental e o que é o objeto real quando os indivíduos têm imagens mentais idênticas. Assim, solidificada uma representação na cultura, essa mesma representação pode passar a constituir a realidade, uma vez que a sociedade pode buscar refletir essa representação (MOSCOVICI, 2007).

Nesse contexto, têm sido desenvolvidos estudos que visam identificar como determinados atores sociais são percebidos pelo público de um modo geral. Um dos trabalhos pioneiros sobre estereótipos relacionados aos cientistas foi realizado por Mead e Metraux (1957), nos Estados Unidos. Para compreender como adolescentes e crianças imaginavam os cientistas, as autoras analisaram textos sobre temas científicos escritos por 35.000 estudantes². A pesquisa exploratória identificou que no imaginário público dos adolescentes e crianças daquele país a imagem do cientista era predominantemente masculina, branca, em idade avançada e associada ao uso de jaleco e/ou óculos e a vidrarias de laboratório e anotações no quadro negro.

Mais tarde, Chambers (1983) propôs analisar a imagem do cientista no imaginário social por meio do *Draw-A-Scientist-Test* (DAST). Neste método, o estudante deveria desenhar um cientista e, ao identificar determinados símbolos nos desenhos, o investigador atribuiria pontuações. Por meio deste estudo, Chambers (1983) identificou que a imagem do cientista não havia mudado desde o estudo de Mead e Métraux (1957). Além disso, o autor observou que a frequência de ícones relacionados à ciência e associados aos estereótipos nos desenhos aumentava conforme o grau escolar dos estudantes também aumentava.

Pesquisas recentes demonstram que esses padrões permanecem no imaginário social. Ferguson e Lezotte (2020) conduziram uma pesquisa em meta-análise dos estudos baseados em *DAST* publicados entre 2003 e 2018. A análise dos 30 estudos produzidos em diversos países demonstrou uma consistência na percepção dos estudantes a respeito de cientistas: homens, brancos e de meia idade. No Brasil, pesquisadores partiram de questionários para analisar a concepção que meninas de 15 a 19 anos possuíam a respeito de cientistas (REZNIK et al., 2017). Também nesse caso o imaginário popular em torno de ator social não variou para além do modelo observado nos estudos de Mead e Métraux (1957) e Chambers (1983).

Alguns estudos partem da imagem do cientista propagada pelas mídias para refletir sobre razões possíveis que explicariam a permanência desse imaginário, analisando, por exemplo, a representação de cientistas em filmes curtas-metragens de animação (REZNIK et al., 2019). No exemplo citado, os autores identificaram uma predominância masculina (89%) na imagem do cientista, sendo a maioria deles de meia idade (67%) e de cor branca (80%). O jornalismo não escapa a esse padrão: ao analisar a presença de cientistas no *Jornal Nacional* e no *Fantástico*, um estudo brasileiro constatou maior participação de cientistas homens, quando comparados às cientistas mulheres (MASSARANI et al., 2019).

Como mostramos anteriormente, a representação estereotipada do cientista não é um fenômeno recente e é de grande relevância que seja analisada considerando que seus efeitos negativos podem ser

² Os responsáveis de cada instituição e/ou os pesquisadores liam o seguinte aviso aos estudantes: “A Associação Americana Para o Avanço da Ciência, uma organização nacional de cientistas com aproximadamente 50.000 membros, está interessada em entender confidencialmente o que vocês pensam sobre ciência e cientistas. Portanto, vocês serão solicitados a escrever em suas próprias palavras uma declaração a qual expresse o que vocês pensam” (*tradução nossa*).

mais complexos do que se apresentam à primeira vista. Entre esses efeitos destacamos um possível e consequente afastamento do campo científico por parte de grupos minoritários que não encontram possibilidades para se enxergarem nos espaços de produção de conhecimento (ALVES-BRITO et al., 2020).

A injustiça epistêmica no campo científico

As concepções raciais construídas historicamente no imaginário popular se baseiam em uma suposta superioridade intelectual do homem branco (FERTIG, 2006). Embora equivocada, já se consolidou a ideia de que afrodescendentes têm aptidão natural ao trabalho braçal e pouco desenvolvimento cognitivo (MARTIUS e RODRIGUES, 1956). Também é preciso considerar que o conhecimento foi historicamente associado à branquitude, refletindo até os dias atuais em como o cientista foi construído no imaginário popular como referência da intelectualidade branca (FERTIG, 2006; MARTIUS e RODRIGUES, 1956; MEAD e METRAUX, 1957; CHAMBERS, 1983; FERGUSON e LEZOTTE, 2020). A maneira como os estereótipos consolidam características positivas ou negativas sobre determinados grupos acaba por produzir uma espécie de capital, um *poder identitário* que Santos (2007, p.564) resume como sendo “um poder social que depende de concepções compartilhadas acerca de identidades sociais para que possa exercer sua força em determinado contexto social”.

Para Fricker (2023), são os estereótipos que impulsionam as injustiças epistêmicas, que negam a um indivíduo, por exemplo, a credibilidade enquanto testemunha credível por preconceitos identitários. Para construir esse raciocínio, a autora (2007) pensa exclusões epistemológicas a partir de marcadores identitários, ponderando as formas de exclusão epistêmica a partir da testemunha, figura que é desacreditada por parte de seus ouvintes principalmente por pré-concepções em relação a aspectos identitários como gênero, cor da pele, origem etc. Lackey (2020) analisa e amplia as reflexões acerca das injustiças causadas por considerar excessivamente credíveis determinados grupos com base em suas características identitárias. Enquanto Fricker (2007) só considerava danoso se um indivíduo fosse desacreditado, Lackey (2020) compreende que o excesso de credibilidade pode ser prejudicial também. Tal credibilidade excessiva pode gerar prejuízo no que se refere à consolidação de estereótipos negativos sobre determinados grupos, e positivos sobre outros.

Um exemplo acionado por Fricker (2023) trata de uma investigação na qual jovens latinos e negros confessaram um crime que não tinham cometido na tentativa de ao menos conseguir acordos de redução de pena, visto que a absolvição não lhes parecia viável. Isso porque os estereótipos em torno desses jovens e a consequente falta de credibilidade de suas falas (reforço negativo) fizeram com que as alegações de inocência fossem ignoradas. Sendo assim, após serem persuadidos pelos agentes da lei – sujeitos possuidores de credibilidade excessiva atrelada à posição que ocupam na sociedade – a confessarem o suposto crime, o depoimento (falsa confissão) dos jovens foi acatado pela justiça como verdadeiro. Lackey (2020) defende que, nesse caso, há uma espécie de injustiça epistêmica acumulada, pois esses jovens foram prejudicados tanto por suas questões identitárias e os estereótipos que as cercam, quanto pela credibilidade excessiva dos agentes da lei. Para Fricker (2023), no entanto, a injustiça epistêmica só existe no cenário em que a credibilidade do sujeito, seja excessiva ou desacreditada, é danosa ao próprio sujeito.

A partir da ideia de injustiça epistêmica, Fricker (2007) desenvolve ainda o conceito de *poder social*, entendido como a capacidade de influenciar ou persuadir outros, ativa ou passivamente, por autoridade ou prestígio. Em certa medida, esse conceito se aproxima do que Bourdieu (1989, p.14) compreende por *poder simbólico*: a capacidade de mobilizar, persuadir, induzir ou convencer indivíduos, grupos ou uma sociedade por meio de discurso, argumentação ou prestígio. No campo científico, as noções de *poder social* e *capital simbólico* se atravessam, e a ausência dessas *posses* marginaliza e até mesmo exclui a possibilidade de determinados atores sociais ocuparem posições estratégicas nos espaços institucionalizados de produção de conhecimento.

Metodologia

Nosso objetivo neste estudo é compreender como são representados os cientistas entrevistados na cobertura sobre vacinas dos programas televisivos Fantástico, da TV Globo, e Domingo Espetacular, da Record TV, de março de 2020 a agosto de 2021. Pretendemos, assim, delinear o perfil dos cientistas acionados como vozes em ambos os programas levando em consideração gênero e raça, refletindo sobre como esta representação contribui para a perpetuação de estereótipos, marginalização ou mesmo exclusão de determinados grupos minoritários do campo científico. A definição de cientista que estamos considerando inclui não apenas professores universitários e pesquisadores de instituições acadêmicas, mas também profissionais da área médica, como infectologistas, epidemiologistas, pneumologistas, imunologistas, microbiologistas, virologistas e sanitaristas.

A crise sanitária foi pauta na mídia por diferentes ângulos, gerando um acúmulo significativo de conteúdos sobre ciência e saúde. Diante de toda diversidade temática, e tendo como pano de fundo o primeiro ano da pandemia da Covid-19 e a expectativa que havia em torno de uma possível resposta para a reversão do quadro, optamos por analisar unicamente as matérias sobre vacinação veiculadas pelo Fantástico e Domingo Espetacular.

Os dois programas compartilham do gênero revista eletrônica televisiva e são produzidos e veiculados por emissoras que, além de possuírem maior audiência na TV aberta no Brasil e terem registrado o maior *share* em 2020 (REUTERS INSTITUTE, 2022; MÍDIA DADOS BRASIL, 2021), reservam o horário nobre do domingo para essas transmissões especificamente. Quanto às diferenças, o *Fantástico*, da TV Globo, tem cerca de 50 minutos a menos de duração do que seu concorrente da Record TV, o *Domingo Espetacular*. Além disso, ambos apresentam linhas editoriais e públicos-alvo distintos - enquanto o *Fantástico* possui grande inserção nas classes C (45,7%) e A/B (41,3%), o perfil da audiência do *Domingo Espetacular* abrange predominante a classe C (53%), com menor inserção na classe A/B (27%) e nas classes D/E (20%) (GLOBO ADS, [s.d]; COMERCIAL RECORD TV, [s.d]). Vale destacar que a televisão ocupa posição relevante no Brasil, estando presente em 95,5% dos domicílios (IBGE, 2022), e a principal forma de acesso dos brasileiros ao conteúdo televisivo é pelo sinal aberto.

O período definido para a análise, de março de 2020 a agosto de 2021, compreende os primeiros 18 meses da pandemia de Covid-19. Nesse período ocorreram eventos relevantes com relação à vacinação contra a Covid-19, como o desenvolvimento das pesquisas científicas em busca do imunizante, os testes em seres humanos e a aprovação das agências reguladoras. Além disso, esse período também compreende os primeiros meses da campanha de vacinação e as discussões sobre a necessidade de doses de reforço, além do registro de queda nas taxas de cobertura das principais vacinas infantis (CASTREJON et al., 2022; HO et al., 2022; SHET et al., 2022).

A composição do corpus foi realizada por meio de consulta manual aos acervos dos programas na Internet - a busca das matérias do Fantástico foi feita no streaming *GloboPlay*, já para as matérias do *Domingo Espetacular* consideramos o site do programa, seu canal oficial no *YouTube* e o perfil da Record TV no *Facebook*.^{3,4,5} Com o propósito de reunir o maior número possível de conteúdos sobre o tema, foram consideradas todas as matérias cujos títulos tivessem a palavra vacina e/ou suas correlatas (vacinação, imunização, vacinal, vacinar, imunizar, antivacina, vacinado/a, imunizado/a), bem como os nomes comerciais das vacinas anticovid (Butanvac, Comirnaty, CoronaVac, Covaxin, Covishield, Janssen Vaccine, Spikevax, Sputnik V). Não foram consideradas as inserções em estúdio com dados sobre o andamento da vacinação anticovid no país.

3 Disponível em: <https://globoplay.globo.com>. Acesso em: 11 jun. 2023.

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/@domingoespetacular>. Acesso em: 17 jun. 2023.

5 Disponível em: <https://www.facebook.com/DomingoEspetacular>. Acesso em: 10 jul. 2023.

No total, foram identificadas 110 matérias sobre vacinação, sendo 83 matérias exibidas no *Fantástico* (7 horas, 56 minutos e 47s) e 27 veiculadas no *Domingo Espetacular* (2 horas, 46 minutos e 49s). Uma análise geral das matérias identificadas que integram o *corpus* deste estudo será publicada em um outro artigo (CARNEIRO et al., no prelo; ver também CARNEIRO, 2023). Tendo em vista o objetivo deste estudo de compreender como são representados os cientistas entrevistados na cobertura sobre vacinas dos programas televisivos em análise, uma vez coletadas as matérias, selecionamos para este estudo apenas as que apresentavam entrevistas com cientistas, ou seja, as que acionaram esses atores sociais como vozes. Assim, o *corpus* de análise reúne 48 matérias (6 horas, 32 minutos e 19s), sendo 4 horas, 26 minutos e 1s exibidas na TV Globo e 2 horas, 6 minutos e 18s na Record TV.

A partir de então, as matérias selecionadas foram submetidas a uma análise de conteúdo. Adaptamos e aplicamos o protocolo analítico estruturado por Massarani et al. (2019) que, por sua vez, é uma adaptação do protocolo proposto por pesquisadores da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico para a investigação de notícias científicas em telejornais (MASSARANI e RAMALHO, 2012).

Os dados foram inicialmente categorizados a partir de três dimensões de análise: características gerais, que correspondem ao conjunto de informações a respeito da matéria coletada (programa, data, duração); identificação dos cientistas entrevistados, que compreendem as informações dentro de cada matéria e por ela mesma apresentadas (nome, raça/cor, gênero); espaço do cientista, que diz respeito ao espaço que é dado para que a fonte se expresse na matéria (número de falas e tempo de fala).

Como as categorias são, de um modo geral, autoexplicativas, iremos nos ater a algumas questões sobre as identificações de gênero e raça/cor, as quais foram codificadas a partir de análise qualitativa visual. Informações de gênero nesta pesquisa se restringiram a masculino e feminino, uma vez que não foram encontradas quaisquer fontes que não fossem cisgêneros ou demonstrassem aspectos característicos da comunidade *Queer*. Já informações de raça ou cor foram coletadas com base na análise cromática. Para a classificação, seguimos a proposta do IBGE (2022), a saber: preto, pardo, branco, indígena e amarelo. É importante lembrar que no censo a definição é autodeclarada pelo entrevistado, enquanto em nosso estudo os pesquisadores fizeram a atribuição.

Assim, com o *corpus* estruturado e sistematizado, realizamos a análise dos dados com uma abordagem qualitativa norteada, mais especialmente, pelas noções de *estereótipo e injustiça epistêmica*. Para a abordagem quantitativa, foram utilizados *a priori* dados descritivos quanto aos números totais e médias observados no *corpus*. *A posteriori*, quando necessário, foram conduzidos testes de distribuição entre grupos (Qui-Quadrado). O Qui-Quadrado auxilia na análise das diferenças quando ocorre intersecção entre grupos, utilizando-se da distribuição total do *corpus* por grupo. Desse modo, com essa entrada estatística, foi possível que analisássemos a distribuição de cientistas considerando a intersecção de gênero e raça como fatores.

Resultados

A análise das 48 matérias sobre vacinas em que cientistas foram entrevistados pelos programas *Fantástico* e *Domingo Espetacular*, veiculados respectivamente pela TV Globo e Record TV entre março de 2020 e agosto de 2021, resultou nos dados aqui apresentados. De modo geral, esses dados serão expostos em dois tópicos – “Identificando os cientistas” e “O espaço cedido aos cientistas” – e a partir de três medidores: 1- o número total de matérias analisadas (em que mais de um cientista pode ter sido entrevistado), 2 - a quantidade de diferentes cientistas acionados pelos programas em questão, e 3- o número de participações dos cientistas nas matérias.

Os números iniciais mostram que nas 48 matérias exibidas por ambos os programas, identificamos 67 diferentes cientistas com 124 participações em matérias variadas. Separadamente, temos a seguinte

distribuição: 34 matérias e 91 participações de 42 diferentes cientistas no Fantástico; 14 matérias e 33 participações de 13 diferentes cientistas no Domingo Espetacular. Doze cientistas apareceram em ambos os programas.

Identificando os cientistas

Quanto ao gênero, 31,3% (n=21) dos 67 cientistas eram de gênero feminino e 68,7% (n=46) eram de gênero masculino. Não foram observados cientistas com outras identificações de gênero nas matérias. Nas 48 matérias codificadas, 24 apresentaram cientistas de ambos os gêneros, correspondendo a 50% das matérias. Matérias apenas com mulheres correspondem a 17% (n=8) do total e, apenas com homens, a 33% (n=16).

Das 124 participações feitas pelos 67 cientistas, os homens tiveram um total de 67,7% (n=84) participações, enquanto as mulheres tiveram 32,3% (n=40) participações. O *Fantástico*, com as 91 participações de cientistas, teve 63,7% (n=58) dos cientistas do gênero masculino e 36,3% (n=33) participações femininas, enquanto o *Domingo Espetacular* somou 33 participações de cientistas sendo 78,8% (n=26) do gênero masculino e 21,2% (n=7) do gênero feminino.

Quanto aos dados que se referem à raça ou cor, dos 67 cientistas entrevistados pelos programas, 89,5% (n= 61) foram codificados como pessoas brancas. Cientistas amarelos e pardos são 6% (n=4) e 4,5% (n=2) do total desses atores sociais, respectivamente. Não foram encontrados cientistas pretos ou indígenas. No que se refere às participações desses cientistas (n=124) em diferentes matérias de ambos os programas, foram 90,3% (n=112) de sujeitos de cor branca, enquanto 4,1% (n=5) e 6,6% (n=7) participações foram de cientistas amarelos e pardos, respectivamente.

No *Fantástico*, das 91 participações, 92,3% (n=84) são de cientistas brancos, seguidos de 4,4% (n=4) de participações de cientistas amarelos e 3,3% (n=3) de participações de cientistas pardos. Já no *Domingo Espetacular*, 84,8% (n=28) das participações foram de cientistas brancos, ao passo que cientistas amarelos e pardos registraram apenas 3% (n=1) e 12,2% (n=4), respectivamente.

Em síntese, no conjunto de 48 matérias, cientistas brancos foram entrevistados em 97,9% dos casos (47 matérias), o que evidencia que somente em uma matéria (2,1%) cientistas de outras raças não dividiram espaço com esses primeiros. Reafirmando o desequilíbrio de raça e o protagonismo do sujeito branco, temos que cientistas brancos e não brancos compartilharam espaço em somente nove de 47 matérias (18,8%), o que significa dizer que por 38 vezes os programas em questão (79,2%) exibiram unicamente cientistas brancos.

Já na distribuição total de participações (n=124) por raça e gênero, somando ambos os programas, temos: cientistas brancos com 61,3% (n=76) de representação masculina e 29% (n=36) de representação feminina; cientistas amarelos distribuídos em 3,2% (n=4) de mulheres e 0,8% (n=1) de homens; e, por fim, cientistas pardos distribuídos em 5,6% de homens (n=7), não havendo mulheres cientistas pretas ou pardas.

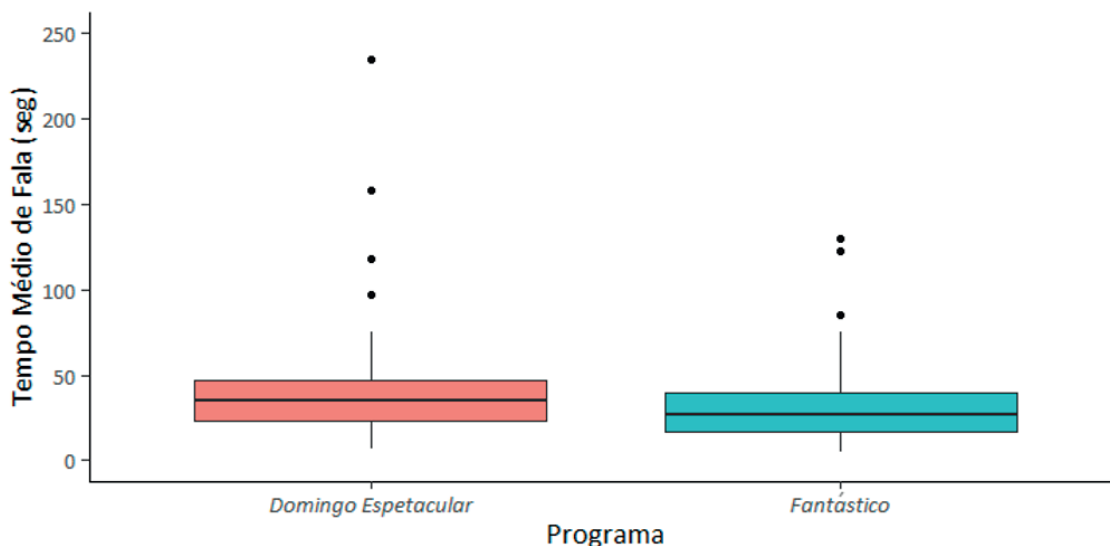
O espaço cedido a cientistas

As 48 matérias analisadas neste estudo somaram 6 horas, 32 minutos e 19 segundos, sendo 4 horas 26 minutos e 1 segundo do Fantástico, e 2 horas, 6 minutos e 18 segundos do Domingo Espetacular. O tempo total de fala dos 67 diferentes cientistas entrevistados em 48 matérias dos programas em questão, por sua vez, é de 1 hora, 15 minutos e 25 segundos.

No Fantástico, programa com maior concentração dos conteúdos que compõem o corpus (34 matérias e 91 participações), os cientistas falaram por aproximadamente 49 minutos e 37 segundos. Já no Domingo Espetacular, o tempo de fala desses atores sociais foi de cerca de 25 minutos e 48 segundos

contabilizados em 14 matérias e 33 participações. Sendo assim, em ambos os programas os cientistas registraram tempo médio de fala aproximado, como exposto no gráfico abaixo (Figura 1).

Figura 1 – Gráfico de “caixa” (Boxplot) demonstrando a média de tempo de fala dos cientistas nos programas televisivos Domingo Espetacular e Fantástico.



Fonte: Produzido pelos autores

Ao observarmos os cientistas mais presentes no corpus deste estudo, identificamos valores que se distanciaram significativamente da média registrada, os denominados *outliers*. Tais outliers são aqueles indivíduos que, por motivos diversos, somaram mais tempo de fala nas matérias das quais fizeram parte. É este o caso da microbiologista e pesquisadora do Instituto Questão de Ciência, Natália Pasternak, e do médico e então diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas, ambos cientistas brancos.

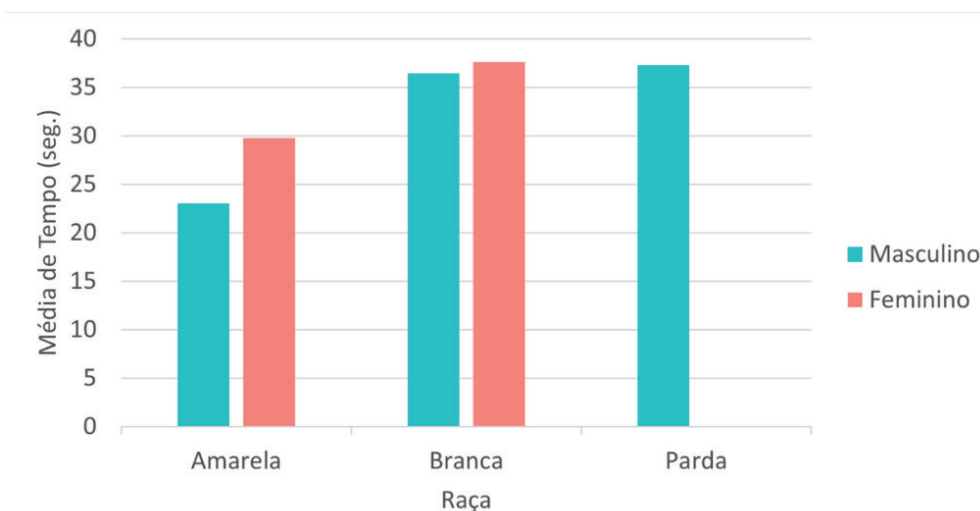
A pesquisadora desponta como a cientista com maior tempo de fala acumulado no *corpus* (9 minutos e 32s distribuídos em 7 participações). Dimas Covas, por sua vez, representa o segundo maior tempo de fala (6 minutos e 59s), somando todas as entrevistas em que foi acionado (15 participações). O tempo de fala aparentemente extenso disponibilizado a Natália Pasternak decorre de sua presença em matérias dedicadas a responder as dúvidas do público, rebater medidas e afirmações do governo Bolsonaro, além da repetição de suas falas em diferentes conteúdos. Como exemplo temos as matérias “Tire suas dúvidas sobre a vacina contra a Covid-19 | DE Responde” e “Domingo Espetacular ‘mostra detalhes do processo de envase da CoronaVac”, que foram ao ar no dia 17 de janeiro de 2021 e apresentaram a mesma fala da cientista, com diferenciações apenas na ordem em que o discurso foi veiculado.

Em relação ao tempo de fala por gênero, os cientistas de gênero masculino compõem 67,4% do tempo de fala registrado, somando ambos os programas (50 minutos e 51s). Apenas 32,6% do tempo de fala é cedido às cientistas de gênero feminino (24 minutos e 34s). Em relação à média, a diferença entre os gêneros é sutil, isso porque os cientistas homens falaram por aproximadamente 36s, enquanto as cientistas mulheres somaram 37s de tempo médio de fala nos programas analisados.

No que se refere à raça, o tempo de fala de cientistas brancos foi de 1 hora, 8 minutos e 42s, seguido por cientistas pardos com 4 minutos e 21s e, por último, cientistas amarelos com 2 minutos e 22s. Assim, do tempo de fala total dos cientistas (1 hora, 15 minutos e 25s), cientistas brancos ocupam 91,1%, enquanto pardos e amarelos ocupam 5,8% e 3,1% do tempo total, respectivamente. Quanto às médias de tempo de fala cedido aos cientistas, temos 36s para cientistas de cor de pele branca, 37s para os pardos e 28s para cientistas amarelos. Tendo em conta que majoritariamente entrevistas duraram entre 17 e

50 segundos, pode-se considerar que é de pouca relevância a diferença entre as médias. No entanto, é importante lembrar que o número de cientistas pardos e amarelos foi muito reduzido, respectivamente 2 e 4 dos 67 cientistas. No gráfico abaixo (Figura 2) temos as médias de tempo de fala dos cientistas por gênero e raça.

Figura 2 – Gráfico com média de tempo de fala dos cientistas em segundos por gênero e raça



Fonte: Produzido pelos autores

A partir de teste Qui-Quadrado, observamos que há associação significativa entre gênero e cor do cientista ($X^2(2) = 8.549$, $p = 0.01392$), com médio efeito, calculado a partir do V de Cramer ($V = 0.2626$). Os testes estatísticos realizados indicam que a quantidade de participações passa por uma influência de raça e gênero, o que pode ser observado na distribuição de pessoas brancas com maior número de participações, sendo principalmente homens.

Uma vez que os recortes de exclusão tendem a passar primeiro por seleção de raça, seguido por gênero, e sendo as pessoas brancas do sexo masculino o grupo de cientistas que ocupou o maior espaço nos programas analisados (46 minutos e 7s do total de 1 hora, 15 minutos e 25s de tempo de entrevistas), temos que a imagem mais frequente entregue à audiência entre os meses de março de 2020 e agosto de 2021 reforça estereótipos bem consolidados no campo científico. Em mais este recorte possível de observação, foi exatamente o cientista homem e branco o protagonista registrado no *corpus*.

Raça e credibilidade: a imagem da branquitude como fonte de saber

Conforme supracitado, observamos que 89,5% dos 67 cientistas entrevistados pelo *Fantástico* e pelo *Domingo Espetacular* nas matérias sobre vacinação são brancos e que 90,3% das participações nas matérias são desses mesmos cientistas. Esses dados se alinham ao que já havia sido observado tanto em estudos clássicos (MEAD e METRAUX, 1957; CHAMBERS, 1983) como em estudos mais recentes (REZNIK et al., 2017; REZNIK et al., 2019; FERGUSON e LEZOTTE, 2020). É pertinente pensar que o destaque dado às pessoas brancas nos espaços de produção de conhecimento está diretamente relacionado ao fato de que, historicamente, há uma credibilidade intelectual associada à identidade branca (FERTIG, 2006).

Alinhados a essa perspectiva, autores que se dedicam a pensar atravessamentos possíveis entre ciência e raça constataam que o campo científico é estruturado a partir de uma exclusão/invisibilização epistemológica (GROSGOUEL, 2013) e corporal (CARNEIRO e FISCHMANN, 2005) de pessoas não-

brancas. Grosfoguel (2013, p. 43) explica que, desde a formação científica, a estrutura de exclusões de conhecimentos que não se originam na produção masculina e branca refletem “a naturalização das estruturas epistêmicas racistas/sexistas de conhecimento que imperam no mundo moderno e colonial”.

Logo, o campo científico se desenha como um espaço em que, de um lado, temos atores sociais brancos com excesso de credibilidade vinculado diretamente à sua cor de pele; enquanto do outro, temos sujeitos não brancos com credibilidade reduzida e/ou questionada unicamente pela coloração de seus corpos, vítimas diretas da injustiça epistêmica da qual fala Fricker (2007). Ao pensar prejuízos relacionados a esse excesso de credibilidade, Medina (2011) pontua que há desdobramentos em outras camadas; isso porque o ouvinte, pela alta exposição a determinada imagem do cientista, desenvolverá uma tendência a considerar determinados grupos mais creíveis que outros. E se o ouvinte não pertence ao mesmo grupo do locutor, surge então o complexo de inferioridade e um possível movimento de não identificação/afastamento da ciência de um modo geral (MEDINA, 2011).

Fricker (2007) destaca que a credibilidade é um recurso de grande interesse que está ligada a sistemas de poder. Esses sistemas, ao mesmo tempo em que historicamente têm projetado figuras brancas para lugares estratégicos de prestígio e visibilidade, posicionam a imagem do sujeito negro como objeto, corpos-produtos (HALL, 2016): o super corpo-negro representado no exímio lutador, no atleta de performances físicas incríveis, no jogador de futebol (GUAZINA e GUIMARÃES, 2016; BOLSON, 2016), ou mesmo “desde muito, como vilões, bandidos, anti-intelectuais, animalizados, sujos, escravizados, ou seja, como inumanos, objetos, coisas sem valor” (SALES e NUNES, 2021, p. 4). Se pensarmos a interseccionalidade entre raça e gênero, as representações femininas e negras mais comuns são a da mulata, a da mãe preta ou a da doméstica (GONZALES, 1984).

De um modo geral, essas representações estabelecem diferenças entre o branco e o negro, reforçando o estereótipo do sujeito negro como desvinculado da intelectualidade. Ao fazermos um paralelo entre essa constatação e o quadro de representação do cientista em dois programas de grande audiência no Brasil, é importante pontuarmos que há um exercício de violência epistêmica quando majoritariamente cientistas homens brancos foram apresentados como representantes que falavam por uma instituição acadêmica. Essa representação seria o retrato de uma comunidade institucional que, tal como chega à audiência, se mostra seletiva e, logo, excludente.

Gênero e o espaço do cientista na mídia como porta-voz da ciência

No que diz respeito ao gênero dos cientistas entrevistados no *Fantástico* e *Domingo Espetacular* ao longo dos primeiros 18 meses de pandemia de Covid-19, os resultados mostraram que, seja observando o número de cientistas acionados ou mesmo a totalidade de suas participações, os homens representam mais de dois terços das vozes ouvidas pelos referidos programas televisivos. Assim, uma vez que a injustiça epistêmica testemunhal (FRICKER, 2007) passa por questões identitárias, é válido que pensemos, a partir de um recorte de gênero, a marginalização da figura feminina no campo científico.

Mulheres são 51% da população em geral e segundo os dados coletados no painel Lattes, no período de 2010 a 2021, as mulheres correspondem a 72,7% dos mestres e 53,1% dos doutores formados.^{6,7} Ainda assim, compõem apenas um terço das fontes científicas entrevistadas nos programas analisados nesta pesquisa. Barros e Mourão (2020) enfatizam que muitos são os entraves para que as mulheres alcancem cargos em posições mais elevadas na ciência, entre eles estariam a falta de modelos que sirvam de representação, falta de suporte familiar e estereótipos de gênero. Nessa linha, inclui-se ainda baixo senso de pertencimento, necessidade de ajustes de comportamento para se encaixar mais

6 Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 16 nov. 2023.

7 Disponível em: <https://painel-lattes.cnpq.br/#/pages/sexo>. Acesso em: 16 nov. 2023.

adequadamente nos ambientes acadêmicos e micro violências de gênero.

Os mesmos autores discutem que os entraves para a presença feminina no meio acadêmico não se mostram como uma barreira altamente identificável, mas sim como um “labirinto de cristal” (BARROS e MOURÃO, 2020), com as violências ocorrendo de maneira sutil, constante e pouco explícitas à sociedade. Historicamente, papéis de gênero rígidos determinaram que as mulheres, por causa das suas habilidades emocionais, sensibilidade e fragilidade deveriam ser cuidadoras e responsáveis pelo lar e pela família, enquanto os homens, sujeitos dotados de racionalidade, eram considerados os provedores e líderes na esfera pública (SCHIEBINGER, 2001). Ainda que, nesse cenário, as violências de gênero possuíssem outros contornos, sendo menos sutis e muito explícitas, fato é que elas sempre foram constantes na nossa sociedade. Atualmente, essa exclusão histórica tem sido gradualmente desafiada.

No que diz respeito ao tempo de fala concedido a cada cientista nas matérias do Fantástico e Domingo Espetacular, a média entre homens e mulheres varia somente em um segundo (1 minuto e 10s e 1 minuto e 9s, respectivamente), dado que pode sugerir falsa igualdade de gênero se analisado à margem do contexto histórico brasileiro. Aqui, atentamos para a complexidade dessa igualdade: os programas cederam aos cientistas de ambos os sexos espaços similares no que diz respeito ao tempo de fala; mas apesar de aparentemente haver uma impressão de justiça epistêmica quanto ao gênero, quando excluídos da contagem os tempos de fala dos outliers Dimas Covas (6 minutos e 59s) e Natália Pasternak (9 minutos e 32s), o tempo médio de fala dos cientistas do sexo masculino e feminino passa a ser de 58s e 45s respectivamente, o que redesenha o cenário em direção à reafirmação do estereótipo do homem como figura que representa a ciência.

A maior visibilidade concedida para Dimas Covas, então diretor do Instituto Butantan, pode estar relacionada à importância projetada naquilo que era dito por parte de representantes de uma instituição diretamente associada à produção da vacina CoronaVac no Brasil. Quanto à alta visibilidade de Natália Pasternak, é preciso considerar que as suas participações, de um modo geral, giraram em torno dos seus papéis de crítica do governo e de mediadora com o público, além de seu destaque no corpus também estar diretamente relacionado com falas eventualmente replicadas pelos programas televisivos. O “deboche e o humor também contribuíram para a construção da estratégia de captação de visibilidade de Pasternak, tornando-se marca de seu ethos taxativo em meio à crise de confiança na ciência” (CAMPANI e GIERING, 2022, p. 37).

Essa visibilidade adquirida por estar na mídia exerce influência nas relações entre jornalistas e fontes. Wolf (1994) explica que os jornalistas recorrem a determinadas fontes em detrimento de outras pelo fato de essas primeiras já possuírem um capital simbólico (BOURDIEU, 1989) - de credibilidade e de autoridade estabelecido por experiências anteriores nos espaços midiáticos. Com pensamento semelhante, Gans (1957, p. 81) pondera que aqueles que não têm qualquer poder “mais dificilmente se transformam em fontes e não são procurados pelos jornalistas até as suas ações produzirem efeitos noticiáveis enquanto moral ou socialmente negativos”.

Se, nessa lógica, torna-se necessário possuir certo poder simbólico para ser acessado como fonte de informação; e ser fonte com algum capital de credibilidade consolidado para seguir ocupando espaços estratégicos de visibilidade na mídia, o que temos é um movimento circular e excludente. Assim, esse movimento, sob o pano de fundo das questões históricas que marginalizam grupos minoritários, somente reforça a repetida inclusão de uns (homens e brancos) e exclusão de outros (normalmente mulheres e pessoas pretas) - quadro que pode facilmente ser pensando, de um modo mais específico, quando se trata da representação midiática do cientista.

Considerações finais

Os estudos de representações são relevantes na medida em que ajudam a pensar a produção

e reafirmação de estereótipos pela mídia, bem como a assimilação desses estereótipos pelo público e as consequências daí decorrentes. Pesquisas anteriores já haviam demonstrado um perfil específico, estereotípico do cientista, e os resultados obtidos com este trabalho não se afastam da imagem do cientista homem e branco como porta-voz da ciência.

Nesta pesquisa, nos debruçamos mais especialmente sobre questões raciais e de gênero que perpassam a representação desse ator social na mídia durante os 18 primeiros meses da pandemia da Covid-19. A partir dessa entrada analítica, observamos que ao menos dois terços dos cientistas ouvidos pelo *Fantástico* e *Domingo Espetacular* para falar sobre vacinação são do sexo masculino, e mais de 90% deles são pessoas brancas, não havendo nenhum registro de cientistas homens pretos e de cientistas mulheres pretas ou pardas nos corpus analisados.

No que diz respeito ao espaço cedido aos cientistas, sem que excluamos os *outliers* do corpus analisado - Dimas Covas e Natália Pasternak - identificamos que há uma diferença sutil quanto ao tempo médio de fala entre cientistas homens e mulheres. Se tiramos de cena esses atores sociais que somaram tempo de fala fora do padrão observado no corpus, o tempo médio de fala dos cientistas do sexo masculino e feminino passa a marcar 13 segundos de diferença a mais para os cientistas homens, redesenhando o cenário e apontando para mais um quadro de reafirmação de estereótipos moldado a partir de injustiças epistêmicas.

Os dados nos permitiram observar ainda que, na intersecção entre gênero e raça, há um filtro de tendência que nos possibilita afirmar que os recortes de exclusão passam primeiramente por seleção de raça, seguido por gênero. Desse modo, mantém-se a tendência da repetição da imagem do cientista homem e branco, o que se alinha aos estereótipos consolidados acerca da imagem desse ator social seja no Brasil ou no exterior.

Não é surpreendente que relações entre jornalistas e fonte espelhem as relações raciais e de gênero (macro) construídas historicamente e observadas até os dias atuais em nossa sociedade, uma vez que essas primeiras se inserem em um problema estrutural. Essa reafirmação de estereótipos na mídia levanta a reflexão a respeito dos sistemas de poder e credibilidade em que as instituições se baseiam, e que redundam em relações de exclusões de pessoas pretas e, ainda mais especialmente, do sexo feminino. O excesso de credibilidade de uns acaba contribuindo para a marginalização de outros.

No atual contexto, torna-se fundamental compreender os processos de seleção de fontes nas redações jornalísticas, especialmente diante da escassa representatividade de cientistas pretos, ainda minoritários nas instituições de pesquisa e ensino superior do país. Da mesma forma, é importante promover o incentivo para a construção de bancos de dados nas instituições de pesquisa e ensino superior, com enfoque racial e de gênero, como fonte acessível para os jornalistas, visando fomentar a inclusão e representatividade de pesquisadores minoritários como fontes científicas para os veículos de mídia, fortalecendo assim a diversidade de vozes e perspectivas na cobertura jornalística.

O discurso do não-racismo já não é suficiente quando se pensa nas relações sociais e de poder que atravessam a nossa sociedade. É necessário que as ações antirracistas e equitativas sejam práticas individuais e coletivas dentro e fora dos espaços consolidados de produção de conhecimento científico. Somente assim o campo científico poderá gradualmente se desenhar como espaço inclusivo, em vez de excludente. A representação diversa do cientista na mídia faz parte desse processo, na medida em que viabiliza uma maior identificação e aproximação por parte de grupos minoritários comumente marginalizados, abrindo a possibilidade de inserção desses sujeitos no fazer científico.

Referências

ALVES-BRITO, Alan.; MASSONI, Neusa.T.; GUERRA, Andreia; MACEDO, José. Histórias (in)visíveis nas ciências. Cheikh anta diop: um corpo negro na física. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 31, p. 290-318, 2020.

AMEND, Elyse; SECKO, David M. In the face of critique: A metasynthesis of the experiences of journalists covering health and science. **Science communication**, v. 34, n. 2, p. 241-282, 2012.

ASH, Elliott.; DURANTE, Ruben.; GREBENSCHIKOVA, Maria. CHWARZ, Carlo. **Visual representation and stereotypes in news media**. p. 44, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3934858>. Acesso em: Outubro de 2023.

BARROS, Suzane; MOURÃO, Luciana. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. **Psicologia em Estudo**, v. 25, p. e46325, 2020.

BOLSON, Bibiana Hegele. **A Folha de São Paulo e o racismo no futebol brasileiro**: análise das coberturas jornalísticas nos casos Desábato/Grafite e Patrícia Moreira/Aranha. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMPANI, Daiana; GIERING, Maria Eduarda. Argumentação em tuítes sobre ciência na pandemia. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. esp., p. 16-39, 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 18 dez. 2023.

CARNEIRO, Michelle da Costa Pereira. **As vacinas no Fantástico e no Domingo Espetacular durante a pandemia de Covid-19**. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2023.

CARNEIRO, Michelle; RAMALHO, Marina; MASSARANI, Luisa. As vacinas no Fantástico e no Domingo Espetacular durante a pandemia de Covid-19. **Saúde e Sociedade**. [No prelo]

CASTREJON, María M. et al. The impact of COVID-19 and catch-up strategies on routine childhood vaccine coverage trends in Latin America: A systematic literature review and database analysis. **Human Vaccines & Immunotherapeutics**, v. 18, n. 6, p. 2102353, 2022.

CHAMBERS, David Wade. Stereotypic images of the scientist: The draw-a-scientist test. **Science Education**, v. 67, n. 2, p. 255-265, 1983.

COMERCIAL RECORD TV. **Domingo Espetacular**. n.d. Disponível em: <http://comercial.recordtv.com.br/programacao-nacional/domingo-espetacular/informacoes-de-midia/> Acesso em: nov. 2022.

CORREIA, Érica; PINHEIRO, Valdiceia; CARVALHO, Telma; JESUS OLIVEIRA, Camila; SANTOS, Maurício. A difusão da informação no jornalismo científico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, pp. 1-19, 2021.

FERGUSON, Sarah; LEZOTTE, Stephanie. Exploring the state of science stereotypes: Systematic review and meta-analysis of the Draw-A-Scientist Checklist. **School Science and Mathematics**, v. 120, n. 1, p. 55–65, 2020.

FERREIRA, Edimara Maria; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; FERREIRA, Marco Aurelio Marques. Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes do ensino superior. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 303-315, 2022.

FERTIG, André. História, Memória e o Império do Brasil: Januário da Cunha Barbosa, Karl von Martius e a Criação de um Passado para o Brasil. **Revista Sociais e Humanas**, v. 19, n. 1, p. 43-49, 2006.

FRICKER, Miranda. Injustiças Testemunhais Institucionalizadas: A construção do Mito da Confissão. **Revista Brasileira de Direito Processual Penal**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2023.

FRICKER, Miranda. **Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing**. Oxford, Oxford Academic Press, online edn, 2007.

GANS, Herbert. The Creator-Audience Relationship in the Mass Media: an Analysis of Movie Making. IN ROSENBERG B.-White D. (eds), *Mass Culture. The Popular Arts in America*, Free Press, Glencoe, p. 315-324, 1957.

GLOBO ADS. **Fantástico**. s.d. Disponível em: <https://globoads.globo.com/solucoes/multiplataforma/produtos/#fant%C3%A1stico> Acesso em: 07 nov. 2022.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GROSGUÉL, Ramón. The structure of knowledge in westernised universities: Epistemic racism/sexism and the four genocides/epistemicides. **Human Architecture: Journal of the sociology of self-knowledge**, v. 1, n. 1, p. 73-90, 2013.

GUAZINA, Sônia; GUIMARÃES, Isabel Padilha. O super corpo negro: a representação do lutador anderson silva, no comercial The Great Preparation, da cerveja Budweiser. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 15, n. 29, p. 124-144, 2016.

GUERREIRO NETO, Guilherme. O jornalismo como instituição social. In: **Trabalho apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Fortaleza. 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. In: ITUASSU, Arthur (Org.). Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, Apicuri, 260p., 2016.

HO, Lee Lee, et al. Impact of the SARS-CoV-2 pandemic on vaccine-preventable disease campaigns. **International Journal of Infectious Diseases**, v. 119, p. 201-209, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) - 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LACKEY, Jennifer. False Confessions and Testimonial Injustice. **Journal of Criminal Law and Criminology**, v. 110, n. 1, 2020.

MARTIUS Karl; RODRIGUES, José. Como se deve escrever a História do Brasil. **Revista de História de América**, n. 42, p. 433-458, 1956.

MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yurij; PEDREIRA, Anna Elisa. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico. **Cadernos Pagu**, 2019.

MASSARANI, Luisa; RAMALHO, Marina (orgs.). **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana**. Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz; Ciespal, 2012. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/monitoramentoecapacitacaoemjornalismocientifico.pdf.

MEAD, Margaret; METRAUX, Rhoda. **Image of the scientist among high-school students: A pilot study**. *Science*, v. 126, n. 3270, p. 384-390, 1957.

MEDINA, José. **The Relevance of Credibility Excess in a Proportional View of Epistemic Injustice: Differential Epistemic Authority and the Social Imaginary**, *Social Epistemology*, 25:1, p. 15-35, 2011.

MÍDIA DADOS BRASIL. **Para todxs**. Grupo de Mídia São Paulo, 2021.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; ROBERTSON, Craig T.; EDDY, Kirsten; NIELSEN, Rasmus K. **Reuters Institute Digital News Report 2022**. Oxford: Reuters Institute; Universidade de Oxford, 2022.

NGUYEN, An; TRAN, Minh. Science journalism for development in the Global South: A systematic literature review of issues and challenges. **Public Understanding of Science**, 28(8), 973–990, 2019.

REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report 2022**. Reuters Institute for the Study of Journalism, Edition, 2022.

REZNIK, Gabriela; MASSARANI, Luisa; RAMALHO, Marina; MALCHER, Maria; AMORIM, Luis; CASTELFRANCHI, Yurij. Como os adolescentes aprendem a ciência e a profissão de cientista? **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 2, p. 829–855, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p829>

REZNIK, Gabriela; MASSARANI, Luisa; MOREIRA Ildeu. **Como a imagem de cientista aparece em curtas de animação?** História, Ciências, Saúde - Manguinhos [Internet]. v. 26, n. 3, p. 753–77, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000300003>

SALES, Suellyn; NUNES, Patrícia. **Mulheres negras nas imagens de controle: da construção de imaginários racistas à imposição de lugares subalternos na mídia**. In: Intercom, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL, 44., Recife. Anais [...]. Recife, 2021.

SANTOS, Breno. Injustiça Epistêmica. In: OLIVEIRA, Rogel Esteves de; ETCHEVERRY, Kátia Martins; RODRIGUES, Tiegue Vieira & SARTORI, Carlos Augusto (Orgs.) **Compêndio de Epistemologia** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

SHET, Anita et al. Impact of the SARS-CoV-2 pandemic on routine immunization services: evidence of disruption and recovery from 170 countries and territories. **The Lancet Global Health**. v. 10, n. 2, p. e186-e194, 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1994.

Daniel Damasceno é Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Pesquisador do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Neste artigo, contribuiu com o desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Amanda Medeiros é Pesquisadora de pós-doutorado no Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). Bolsista do Programa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Neste artigo, contribuiu com o desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Michelle Carneiro é Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Jornalista da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Neste artigo, contribuiu com a interpretação dos dados; apoio na revisão de texto e redação do manuscrito.

Luisa Massarani é Coordenadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT); pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Bolsista Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico 1B (CNPq), e Cientista do Nosso Estado da Faperj. Neste artigo, contribuiu com a coordenação do estudo; concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; redação do manuscrito e apoio na revisão de texto.

Thaiane Oliveira é Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informativas (INCT-DSI) e em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), além do

Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC). Membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 e Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado (Faperj). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica e apoio na revisão de texto.

Marina Ramalho é Coordenadora do mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde (COC/Fiocruz) e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica, do Museu da Vida Fiocruz (COC/Fiocruz). Bolsista Produtividade do CNPq 2. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; apoio na revisão de texto e revisão da versão em língua estrangeira.

Agradecimentos: Este estudo faz parte do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, que conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 465658/2014-8) e Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, E-26/200.89972018, E-26211.347/2021, E-26/2010.336/2022). O estudo também se insere no projeto apoiado pelo Edital Proep-COC-CNPq 2021(440303/2021-4), Edital Universal 2023 do CNPq (401881/2023-7) e Projeto em cooperação com comprovada articulação internacional do CNPq (441083/2023-4), liderados por Luisa Massarani; além de Grupos de Pesquisa Emergentes (406599/2022-0), liderado por Thaiane Oliveira. As autoras Luisa Massarani e Thaiane Oliveira agradecem, respectivamente, ao CNPq pelas Bolsas de Produtividade 1B e 2, e à Faperj pela bolsa Cientista do Nosso Estado e Jovem Cientista do Nosso Estado. Marina Ramalho agradece ao CNPq pela Bolsa de Produtividade 2. Amanda Medeiros e Daniel Damasceno agradecem à Faperj, respectivamente, pela bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) e pela bolsa TCT.